

Lima Barreto

Sátiras e outras subversões:
textos inéditos

Organização, introdução, pesquisa e notas de
FELIPE BOTELHO CORRÊA



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © 2016 by Felipe Botelho Corrêa

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.
Published by Companhia das Letras in association with Penguin Group (USA) Inc.

PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Alexandre Boide

REVISÃO
Valquíria Della Pozza
Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barreto, Lima

Sátiras e outras subversões : textos inéditos / Lima Barreto; organização, introdução, pesquisa e notas Felipe Botelho Corrêa. — 1^a ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-8285-036-7

I. Literatura brasileira — Miscelânea I. Corrêa, Felipe Botelho. II. Título.

16-04322

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

I. Miscelânea: Literatura brasileira 869.8

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução	11
Agradecimentos	76
Nota sobre o texto	77

SÁTIRAS E OUTRAS SUBVERSÕES: TEXTOS INÉDITOS

PARA FAZER O PAÍS FELIZ, PRECISAMOS DESPOVOÁ-LO PELA MISÉRIA

Nacionalização intensiva	83
Providências governamentais	86
Academia comercial	89
Rio versus Minas	94
Governo maravilhoso!!!	97
Um bom ministro	101
Mudança de regime	103
O programa	105
Uma sessão da Academia	107
Sua excelência, o sr. ministro	109
Uma lembrança	111
Novas análises	113
A filha do emir	115
A viagem de sua majestade	117
Uma sessão da diretoria da Sociedade Nacional de Agricultura	119

Os precursores	123
Mais uma...	125
Reconhecimento de poderes	127
Uma contestação	129
Escola Normal	131
Cooperativa ou estação telegráfica?	135
Gratidão política	138
Que governo!	140

A SÃ POLÍTICA É FILHA DA MORAL E DA RAZÃO

A sucessão	145
Colchetes	147
O Cincinato e a sua estrada	149
A conferência	151
As estátuas e o centenário	153
A zanga dos edis	155
Uma carta	157
Um bom diretor	160
Limitação dos armamentos	163
Convenções	164
Um alvitre	166
Em breve...	168
Um diálogo	170
O Primeiro Distrito	172
A fundação de um partido	174
O grande orador	176
A política mineira	178
O reconhecimento de poderes	180
A civilizadora	182
Proeza policial	184
Eu também...	186
Palavras dele	187
Conversas	189

O NOSSO TEMPO É EXTRAORDINÁRIO

Falsificações	193
---------------	-----

Uma opinião de Catulo	196
O pavilhão da Inglaterra	198
Origem do nacionalismo	202
Notas avulsas	205
As paradas da “Jardim”	208
Nacionalização de tabuletas	211
O prefeito em apuros	213
As tabuletas da Avenida	216
Alfa e Ômega	218
Muito justa!	220
Um romancista	223
Conversas	225
O mapa	228
A venda de armas	230
O fiscal e o condutor	232
Uma petição curiosa	234
A questão da cerveja	236
Fogos de artifício	239
A única	241
A explosão da Armação	243
Voto obrigatório	245
Por que será?	246
Assassinato profilático	248
As divorciadas e o anel	250
O futuro do feminismo	251
A Escola Normal	253
O caso de mademoiselle Eli	255
O adiantamento do interior	258
A menina do telefone	260
O motivo	262
O PAÍS DAS VAIDADEZINHAS	
Tabuletas salientes	267
Não dêxe, nhonhô	269
O mal da “Central”	272
“Morro Agudo”	275

Um <i>five o'clock</i>	277
A bordo do <i>Herschel</i>	281
Um apelo	284
A obra-prima	286
Atrações cariocas	288
Programa do centenário	290
Antes assim...	292
A brigada do entusiasmo	294
Quiromancia de salão	297
É demais!	300
O astrônomo da Avenida	302
Empréstimos etc.	304
A mais próxima	305
Quadro de guerra	307
Centro Paraibano	310
O pavilhão do “Distrito”	313
A tal ciência	315
Diálogo singular	317
Por força	320
Um figurão como padrinho	323
“Le monde marche”...	324
O desfile dos pais da pátria	326
Uma confissão	328
O pergaminho ao alcance de todos	330
A moda e o vestuário	332
VIDA SUBURBANA	
Meditem a respeito	337
A propósito	341
Um contraste	344
Os enterros de Inhaúma	346
O gambá	348
O homem das mangas	351
Divertiram-se, mas... (conto de cinzas)	354
Antolhos	357
O sr. Diabo	360

Joias e carne-seca	363
A lei agradecida	366
A agonia do burro	368
Velha queixa	370
A peça de morim	371
Um caso	373
O fio de linha	375

PISTOLÕES E COSTUMES ADMINISTRATIVOS

O pistolão	379
O último “rodolfinho”	381
Um requerimento curioso	383
O culto da competência	385
Alta política	388
Eles falam...	390
E é só	392
O prêmio	395
Uma entrevista	398
O motivo	400
O Rapadura	402
Governada pelos mortos	404
Uma eleição de intendente	406
As reformas	408
Economias	409

A ECONOMIA E A CARESTIA DA VIDA

O nacionalismo	413
Lamentável esquecimento	416
Pedra & Moskowa	418
Estado de sítio	420
Credo!	423
Troféus de guerra	426
O meu consolo	428
Parecer abalizado	430
A lição	432
Percalços da farda	434

12252:637\$871 — só?!	436
A “greve” de fome	439
Um pedido	441
Discussões rocambolescas	442
Economia	444

A IMPRENSA LEVA A TUDO

Feminário	449
A colocação	452
A futura capital	454
Circular que atrapalha	456
O uniforme branco	459
Um foco de insurreição	462
Comunicam-nos	464
Superintendência da alimentação	466
Movimentos estratégicos	468
Polícias...	470
A “gruta da imprensa”	472
O homem da barca	474
Apontamentos	475

<i>Notas</i>	477
<i>Bibliografia</i>	537
<i>Cronologia</i>	547

Sátiras e outras subversões:
textos inéditos

PARA FAZER O PAÍS FELIZ,
PRECISAMOS DESPOVOÁ-LO
PELA MISÉRIA

Nacionalização intensiva¹

Uma revista da cidade de Salvador da Bahia, há alguns meses, pôs em concurso a nacionalização de certos sobrenomes de origem estrangeira.

Queria ela que se pusessem em língua nacional os apelidos: Tournillon, Laport, Hasselmann, Spinela, Martinelli, Silvany etc., e o leitor ou a leitora que melhor o fizesse receberia um prêmio.

Não sei que fim teve a iniciativa da revista; mas não há como discordar que a ideia era genial. Esses nomes de origem francesa, inglesa, italiana etc. sempre que qualquer um de nós, descendente do Homem da Lagoa Santa,² topa com um deles, por exemplo, no *Diário Oficial*, causam-nos arrepios de indignação.

Institivamente, vemos neles a invasão do estrangeiro em coisas essencialmente nossas.

No despacho presidencial que precedeu a data de escrever estas reflexões, há a nomeação, para médico do Exército, de um W. Eisenlohr. Esse nome é sueco ou dinamarquês, e o seu autor devia, previamente, ser intimado a nacionalizá-lo convenientemente.

Há nomes estrangeiros em nacionais ilustres que só podem dar aos nossos inimigos de fora a noção de que somos governados por estranhos, tanto são eles respeitados nos jornais em virtude dos altos cargos da administração e da política que os seus portadores exercem.

Vejam só: Frontin, o dr. Paulo; Müller — o dr. general Lauro; Van Erven — o das “Águas”; Schmidt, o senador; Rondon, o general; Ellis, o da defesa do café e da louça; Ripper, o dos óculos; e tantos outros que sempre ocupam as colunas dos jornais oficiais, e não com os seus sobrenomes evidentemente estrangeiros que convém nacionalizar inteiramente, em obediência aos altos interesses da brasilidade.

Há muitos outros em cargos menos importantes, mas não em menor destaque social, que também devem sofrer essa salvadora operação da nacionalidade; por exemplo: Morize, Bousquet, Henninger, Behring, lentes da Escola Politécnica; Lynch e outros, na Marinha de Guerra; Klinger, Nicoll, no Exército; Murineli, Loretta, na diplomacia; além de muitos mais em várias e diferentes funções públicas que o Brasil tem o direito de exigir que se deem a conhecer por nomes verdadeiramente nacionais, a menos que...

Há ainda outros nomes de origem estrangeira que nós, os verdadeiros brasileiros, sentimos que sejam o de valerosos patrícios. Não é o caso do barão de Teffé, que se chama Hoonholtz? Não é o caso do competente engenheiro militar Ximeno Villeroy? Não é o caso do notável químico dr. Nicolau Ciancio? Não é o caso do jovem e já célebre poeta paulista Menotti del Picchia? E quantos outros? Cá em casa, até temos um, o nosso Margiocco...

Não é só na nossa onomástica que tal se dá; as denominações de nossos acidentes geográficos, de localidades, praças, ruas etc. estão enfeitados de nomes de outras línguas que não é a nossa. Aqui, bem perto da rua do Ouvidor, não temos nós: praia do Russel, rua Taylor, estação do Méier, Leblon, Villegagnon etc. etc.?

As agremiações nacionalistas devem tomar uma providência a respeito, já e imediatamente, quanto a essas de proveniência inglesa, alemã, francesa, espanhola etc., deixando para depois as portuguesas, que não são, portanto,

brasileiras genuinamente, como: Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre, São Luís, Bahia, Campos, São Paulo, Campinas, e tantas outras.

Em seguida, elas, as agremiações nacionalistas, devem encaminhar as suas vistas para os nomes originários de idiomas africanos: quilombo, munguengue³ etc.

Depois dos sabidos estabelecerem que são autóctones nos nossos caboclos, poderemos conservar as denominações indígenas; mas, se o resultado das suas pesquisas for o contrário, devemos varrer da nossa nomenclatura topográfica: Guanabara, Niterói, Manaus, Itambi, Cuiabá, Goiás, Ipanema e centenas de outras, por não serem perfeitamente nacionais.

A nossa nomenclatura convém que seja genuinamente nacional em todos os aspectos e trate-se do que tratar. Estamos na obrigação de radicá-la ao nosso solo, de irmos buscar o seu fundamento no falar do nosso Adão particular que, segundo parece, foi o botocudo da Lagoa Santa.

Sendo assim, como complemento fatalmente lógico, teremos que abandonar os atuais nomes portugueses de Silva, Guimarães, Mascarenhas, substituindo-os por outros que o nosso solo fez brotar, sem auxílio estranho.

Providências governamentais⁴

A reunião do ministério foi naquele dia secreta, isto é, não foi anunciada nos jornais. Especialmente convidados, compareceram também, com o informante, o prefeito de polícia e o inspetor dos detetives (aguazil-mor).

El-Rey Pechisbeque abriu a sessão fazendo um gesto de quem ia colher o manto de arminho, crivado de abelhas merovíngias,⁵ e depositou em cima da mesa uma magnífica “Santa Luzia” de cinco olhos,⁶ todos eles com incrustações de marfim e ouro. Era o seu cetro característico de Carlos Magno com que figurava os seus retratos pululantes.

Dirigiu-se, em primeiro lugar, ao ministro das Tropas Militares.

Ao contrário das outras sessões ministeriais, Pechisbeque, o grande rei da Pacóvia,⁷ não estava de bom humor e muito menos gaiato. Falou gravemente:

— Sr. dr. Karagafulos: o que vossa excelência sabe de anormal da tropa?

— As praças andam muito contentes com o novo uniforme sudanês que lhes impingi; mas os oficiais não estão contentes. Tenho tomado as providências; mas...

— Bem. Era de esperar. Mas não há nada como um dia atrás do outro.

— O poderoso rei da Nova Zembla⁸ não os elogiou tanto?

— Não os cumulou de distinções e condecorações? Quem foi que promoveu a visita do rei Savoff a nossa terra e, portanto, os elogios que eles receberam, e os “cra-chás”?

— Fui eu? Ingratos! Mil vezes ingratos! Contudo...

— Eles se queixam, acudiu o ministro dos Buquês de Recreios Reais; eles se queixam da carestia da vida.

— Ora, bolas! Soldado é soldado! Deve estar afeito a tudo. Os de vossa excelência, sr. ministro dos meus Buquês, também se queixam?

— Também, majestade; mas a marinhagem, nas horas de recreio, pesca de caniço, crocorocas, micholas, canhanhus, cação-viola; e assim melhoram o rancho ou vendem o pescado, para aumentar o soldo. Encontraram um derivativo...

— E os oficiais?

— Também se entregam à pescaria.

— Sábia gente!

— Assim mesmo, majestade, não andam contentes; murmuram, observa o ministro de Vistas Escuras.

— Como?! — admirou-se Pechisbeque. — Se eles, para pescar, não pagam imposto, não empatam capital em canoas e botes? Qual! Como é que vossa excelência sabe disso?

— Por informações aqui do excelentíssimo juiz de fora Jemi.

— Sr. Jemi — indagou o rei —, como é que o senhor tem notícia desse fato?

— É, majestade sereníssima, é o que me informa o aguazil-mor que aqui está, a meu lado.

— Seu Manchique — fez arrebatadamente o rei —, como é isso?

— Trago-lhe aqui um relatório completo do que se diz na cidade.

— Dê-mo, Manchique.

O chefe dos aguazis passa ao poderoso imperante um

calhamaço grande como todos os diabos, Pechisbeque folheia-o, põe-se a lê-lo aqui e ali; e, afinal, vira-se para o ministro das Vistas Escuras e diz:

— Sr. ministro: vossa excelência precisa combinar com meu mano, o condestável do Reino e prefeito do Pretório, diversas providências de urgência. Não há que contar com este povo. Dou-lhe festanças e... sr. ministro das Vistas Escuras, tome as suas providências?

— Quais, majestade?

— É preciso adquirir mais “tanks”, e dos mais poderosos; requisitar imediatamente canhões do Ministério da Tropa, que neste momento recebe ordem para entregá-los; comprar modernos e poderosos aviões de guerra. Tudo isto deve ser entregue à “Guarda do Pretório”, que está sob o comando do mano, no mais breve espaço de tempo. A “guarda” será desde já aumentada no dobro do atual efetivo. *Res, non verba*,⁹ sr. ministro.

E, tímido e obediente, o ministro do Tesouro, até ali calado, resolveu então falar:

— Majestade, e a crise? E o câmbio? E a carestia? E a miséria que vai pelo povo?

— Mas — falou o rei amigavelmente —, Homero, você não está vendo que tomei agora mesmo as necessárias providências, para solucionar todas as dificuldades que o país atravessa. Você não ouviu o que eu disse ao “Vistas Escuras”. Está tudo resolvido. Agora temos que tratar dos festejos comemorativos ao aniversário do príncipe herdeiro da Birmânia. Mãos à obra!

Academia comercial¹⁰

Alguns homens de boa vontade resolveram fundar nesta cidade um alto estabelecimento de instrução comercial.

É intuito deles banir do seu ensino todo o pedantismo, todo o luxo teórico; fazê-lo prático, moderno, à americana. De tal modo o querem que, ao fim de um curso de pequena duração, o aluno poderá, sem dificuldades e hesitações, colocar-se à testa em uma loja, gerindo-a com o desembaraço e a segurança de um velho negociante com vinte anos de prática.

Além de negociantes propriamente, a academia visa sobretudo formar magníficos caixeiros, caixeiros magnéticos, com virtudes de ímã, capazes de solicitar, de empolgar, de atrair a freguesia.

O curso elementar, destinado ao pequeno comércio, a retalho, fixo e ambulante, foi organizado sob tais bases, com uma felicidade de pasmar.

A academia não ficará instalada num enorme edifício, grandioso e inútil para os fins a que se destina, e sobretudo favorável à criação de um espírito de escola, de camaradagem, indigno da luta comercial. As aulas funcionarão em pequenas casas situadas nas regiões da cidade em que atualmente mais florescem os gêneros de comércio que pretenderem ensinar.

Conversando com um dos iniciadores, tive ocasião de receber a confidência da metodologia própria do estabelecimento.

Na rua da Alfândega, entre Núncio e São Jorge, será estabelecido o curso de venda ambulante de fósforos. A aula ficará a cargo de um velho turco, afeito ao negócio, cujas calças curtas, rendadas nas extremidades, beijando os canos das botinas muito grandes, permitem que se veja um belo pedaço das suas canelas felpudas. Possuidor de voz roufenha e lenta, mas penetrante e persuasiva, toda a manhã o venerável catedrático, no centro dos jovens discípulos, marcando o ritmo com uma varinha auxiliar, fál-os-á repetir uma, duas, mil vezes: — *Fófo barato! Fófo barato! Duas caixa um tostão!*



Este curso durará seis meses, dando direito a um atestado de frequência.

A aula de jornalismo (venda de jornal) será dada em frente ao *Jornal do Brasil*, de madrugada, e admitirá um número restrito de alunos, portadores de atestados valiosos de que sabem tomar o bonde andando. Os cocheiros e recebedores de bonde e os baleiros são pessoas idôneas para passar o atestado.



A aula de *frége*, cuja sede deverá ser no largo da Sé, ficará dividida em duas partes: cantata da lista e encomenda do prato à cozinha.

Os discípulos serão obrigados a repetir, em coro e na toada de uso, todo um imaginário e pantagruélico menu: carne-seca desfiada, bacalhau à portuguesa, arroz com repolho etc. etc.

O lente, um gordo e aposentado proprietário de uma casa de pasto da rua da Misericórdia, sentado a uma mesinha, com uma toalha eloquentemente imunda, dirá subitamente:

— Traga um arroz e um bacalhau, seu Manoel!

O discípulo correrá até o fundo da sala e, com a voz clássica, gritará:

— Salta um *chim*¹¹ e um bacalhau!

O tirocínio acadêmico durará um ano, conferindo o título de bacharel em lista cantada e dando direito a um anel simbólico.



Afora estes, haverá o curso de barbeiro, de café, de engraxate e outros; o mais difícil, porém, há de ser o armarinho, cuja aula funcionará nas proximidades da rua do Ouvidor, numa grande sala, guarnecida de assentos em anfiteatro, como nas grandes escolas.

Alguma dama facilmente adaptável figurará como freguesa atendida pelo professor, que perpetrará os lânguidos olhares de uso nesse comércio, ajudando-a na escolha das fazendas, cortando o padrão com elegância e dizendo frases amáveis e espirituosas: Em si, toda a fazenda vai bem; quem quer cassa,¹² caça.

Durará dois anos, este curso, e conferirá o grau de doutor em artigos de armarinho e boas maneiras.

Semanalmente, ao jeito de conferências, haverá duas aulas gerais, cuja frequência será obrigatória aos alunos de todos os cursos: a de dança e a de literatura.



Desta última, dizem, vai ser encarregado o sr. João do Rio.

Nas suas linhas gerais, eis aí como vai ser a nova Academia Comercial.